

Líder comunista diz na Polícia que o PC do B não incentivou saques

SÃO PAULO — Ao ser interrogado no Departamento de Polícia Federal (DPF) sobre um possível envolvimento do Partido Comunista do Brasil (PC do B) nos recentes saques a supermercados, o Presidente Regional do Partido, Gilberto Natalini, reafirmou que o PC do B não organizou nem incentivou qualquer ação popular. Ele manifestou a opinião de que os saques "são consequência da fome e do desespero do povo ante a crise e uma política econômica errada".

Natalini contou aos repórteres ter dito às autoridades policiais que acatava a intimação do DPF sob protesto, por entender que qualquer cidadão brasileiro tem a liberdade e o direito adquirido de expressar suas ideias políticas, "sem que pare sobre sua cabeça a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional ou em quaisquer outras leis que venham a coagir ou intimidar os partidos políticos e as lideranças sindicais brasileiras".

Idibal Piveta, o advogado do Presidente Regional do PC do B, revelou ter questionado os policiais sobre as consequências de seu procedimento, tendo sido informado de que o interrogatório serviria apenas para encaminhar investigações preliminares, "não havendo qualquer possibilidade de aplicação da LSN ou, mesmo, do Código Penal".

Após o interrogatório, Gilberto Natalini declarou que a Lei de Segurança Nacional é um instrumento arbitrário e fascista, que deve ser varrido da legislação brasileira. Na próxima semana, o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Vicente Paulo da Silva, será ouvido pela Polícia sobre os saques. Os Presidentes Nacional e Regional da CUT, Jair Meneguelli e Jorge Coelho, também serão intimados a prestar esclarecimentos.

O Governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, disse que o PMDB, por estar no Governo há algum tempo, é culpado de não se ter ainda acabado com a Lei de Segurança Nacional. Ele considerou "o fim do mundo" o indiciamento do Presidente Regional do PT, Djalma Bom, na LSN. Afirmando que não é hora de se aplicar uma lei como essa.

Em Porto Alegre, o Ministro da



Gilberto Natalini, dirigente do PC do B, é fotografado na Polícia Federal

Justiça, Paulo Brossard, voltou a defender a aplicação da Lei de Segurança Nacional na apuração do atentado ao Presidente José Sarney e da condenação à violência no comício pelas eleições diretas em São Paulo. "Muitas pessoas ainda não se deram conta de que a Lei de Segurança Nacional de hoje não é a mesma de 1969", disse Brossard, lembrando que ele próprio, como Senador, foi um dos maiores críticos à antiga LSN. "Em 1983, ela sofreu uma mudança profunda e a única semelhança atual é no nome. No conteúdo não há nenhuma", acrescentou.

O Ministro disse que a facilidade com que o ônibus que transportava o Presidente José Sarney foi atingido pode ser justificada pela "simplicidade republicana nos atos do Presidente" e informou que o inquérito realizado pela Polícia Federal no Rio já tomou o depoimento de um parlamentar que acompanhou os incidentes, o que permitirá elaborar um retrato-falado do homem que atingiu o vidro da janela próxima ao Presidente com uma picareta. Ele protestou contra o fato de não ter ouvido ninguém reclamar contra a "brutalidade verbal e física" com que o Presidente foi atingido nos dois últimos episódios.

Brossard defende a aplicação da Lei

PORTO ALEGRE — O Ministro da Justiça, Paulo Brossard, voltou a defender a aplicação da Lei de Segurança Nacional contra os autores do atentado ao Presidente José Sarney e da condenação à violência no comício pelas diretas em São Paulo. "Muitas pessoas ainda não se deram conta de que a Lei de Segurança Nacional de hoje não é a mesma de 1969", disse o Ministro, lembrando que ele próprio, como Senador, foi um crítico da antiga LSN.

Brossard afirmou que a facilidade com que o ônibus que transportava Sarney foi atingido pode ser justificada pela "simplicidade republicana nos atos do Presidente" e informou que o inquérito realizado pela Polícia Federal no Rio já tomou o depoimento de um parlamentar que acompanhou os incidentes, o que permitirá elaborar um retrato-falado do homem que atingiu o vidro da janela próxima ao Presidente com uma picareta. Ele protestou contra o fato de não ter ouvido ninguém reclamar contra a "brutalidade verbal e física" com que o Presidente foi atingido nos dois últimos episódios.

Deputado fornece dados do autor de agressão no Rio

BRASÍLIA — Moreno, alto, cabelo curto, rosto encovado e cerca de 35 anos. Estas são as características do homem que agrediu o Presidente José Sarney durante os incidentes na Praça Quinze, no Rio de Janeiro, de acordo com o retrato-falado elaborado ontem pela Polícia Federal com base no depoimento do Deputado Gustavo de Faria (PMDB-RJ).

Foi o mais minucioso relato, reconheceu o Delegado Carlos Mandim de Oliveira, Presidente do inquérito, que já ouviu a Deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) e o Major Ivo Spíndola Bastos, Adjunto-de-Ordens de Sarney. Através de fotos examinadas por Gustavo de Faria, a Polícia Federal já identificou o homem que deu proteção ao agressor. Trata-se do funcionário da Associação dos Servidores do IBGE, Cláudio Luis Feitosa Felippetta, que já foi ouvido no inquérito e será indiciado, de acordo com informações do Secretário-Geral do Ministério da Justiça, José Fernando Eichenberg.

O depoimento do Deputado durou duas horas e Mandim estava acompanhado do Escrivão Raul Barreto Ornellas e do Promotor Newton Rangel Coutinho, Procurador Militar da 2ª Auditoria da Marinha no Rio de Janeiro. O Delegado convocou dois peritos criminais para elaborar

o retrato-falado. Segundo Eichenberg, a sua divulgação dependerá de parecer técnico do Delegado Mandim. No depoimento, Gustavo de Faria disse que o propósito do agressor foi atentar contra a vida do Presidente Sarney. O Delegado revelou por sua vez que no dia seguinte ao atentado, infiltrou agentes da Polícia Federal na Brizolândia, reduto dos seguidores do ex-Governador Leonel Brizola, na Cinelândia.

O parlamentar contou que estava no corredor do ônibus quando percebeu três homens abrindo caminho dentro da multidão, rumo ao ônibus. Protegido por dois outros homens, o agressor tirou da cintura um instrumento semelhante a uma picareta, encoberto por uma jaqueta jeans escura. Ele quebrou o vidro da janela, na altura do banco onde estava Sarney. Quando se preparava para uma segunda investida, o Major Tepedino se debruçou sobre o Presidente. "Eles ainda hesitaram alguns segundos e então deixaram o local. O Presidente ficou estático", disse o Deputado no depoimento, que ocupou apenas uma folha de papel.

Segundo informou Eichenberg, o inquérito termina hoje e na segunda-feira será enviado para a Justiça Federal.



Gustavo de Faria (ternos escuros) ajudou a fazer o retrato-falado do agressor